



UnB

Danglei de Castro Pereira
Rosana Cristina Zanelatto Santos
(orgs.)

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA: A LITERATURA E SUA ANÁLISE

Brasília 2021



TeL
Departamento de Teoria
Literária e Literaturas

© Danglei de Castro Pereira e
Rosana Cristina Zanelatto Santos, 2021

Capa:

criação: Bruna Costa Nogueira

arte-final: Conceição

Projeto gráfico e diagramação:

Conceição | Ivete T. S. Conceição

Conselho Editorial: *Altamir Botoso – UEMS*

Ana Crélia Penha Dias – UFRJ

Augusto Rodrigues da Silva Junior - UnB

Cilaine Alves Cunha – USP

Geraldo Vicente Martins - UFMS

Rita Olivieri-Godet - Université de Rennes 2

Rogério da Silva Lima - UnB

Susanna Busato – UNESP

Wellington Furtado Ramos – UFMS

Editora

Universidade de Brasília

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

159 A insustentável leveza : literatura e sua análise / Danglei de Castro Pereira, Rosana Cristina Zanelatto Santos (orgs.). – Brasília : Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2021.
256 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-893-50-03-3 (impresso)

ISBN 978-65-89350-02-6 (e-book)

1. Literatura - Estudo e ensino. 2. Literatura - História e crítica.
3. Dialogismo (Análise literária) I. Pereira, Danglei de Castro (org.). II. Santos, Rosana Cristina Zanelatto (org.).

CDU 82.09

SUMÁRIO

Apresentação.....5

Meu tio lauaretê em aberto

Rosana Cristina Zanelatto Santos..... 11

Denúncia e dialogismo em Canumã: a travessia

Delma Pacheco Sicsú

Danglei de Castro Pereira.....29

O(s)vendedor(es) de passados: construção de identidades históricas na literatura e no cinema

João Luis Pereira Ourique65

As mulheres da década de 30: marginalização e violência

Camila Fernandes Costa

Marta Aparecida Garcia Gonçalves.....95

Memórias da exploração em Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior

André Rezende Benatti..... 131

Os limites do permitido: transdeliramentos, traduções e intertextualidade na poesia de Douglas Diegues

Ângela Cristina Dias do Rego Catonio157

APRESENTAÇÃO

O processo de mimesis na construção literária de Ana Miranda: o caso Gregório de Matos <i>Claudia Letícia Gonçalves Moraes</i>	187
A linha de sombra da crítica latino-americana <i>Lucilo Antônio Rodrigues</i>	213
A vez e a voz do vilão: novos exercícios de alteridade <i>Adriana Lins Precioso</i> <i>Henrique Roriz Aarestrup Alves</i>	229

O texto, esse, é atópico, senão no seu consumo, pelo menos na sua produção. Não é um falar, uma ficção, nele o sistema está desbordado, desfeito (esse desbordamento, essa defecção, é a significância). Desta atopia ele toma e comunica a seu leitor um estado bizarro: ao mesmo tempo excluído e pacífico. Na guerra das linguagens, pode haver momentos tranqüilos, e esses momentos são textos ('A guerra, diz uma das personagens de Brecht, não exclui a paz... A guerra tem seus momentos pacíficos... Entre duas escaramuças, pode-se esvaziar muito bem um canecão de cerveja...'). (BARTEHS, 1999, p. 41).¹

Um breve histórico se faz necessário: o Grupo de Pesquisa Historiografia literária, Cânone e Ensino (GPHCE) surgiu em 2012, certificado inicialmente junto à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e, depois, junto à Universidade de Brasília (UnB), com a participação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Contamos com pesquisadores/as das IESs já referidas, bem como com colegas da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal de Pelotas

¹ BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão. Professora Assistente da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo - Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, atuando na área de Língua Portuguesa com ênfase em estudos discursivos e literaturas de língua portuguesa. Revisora das revistas *Cadernos de Pesquisa* e *RICs*, ambas da Universidade Federal do Maranhão. Líder do Grupo de Pesquisa Literatura, Alteridade e Decolonialidade (UFMA). Integrante dos Grupos de Pesquisa *Historiografia, cânone e ensino* (UnB) e *Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa* (UFF-UFMA). Organizadora do I e do II Colóquio Interdisciplinar de Literatura e Cultura Negra do Baixo Parnaíba (2018-2019).

A LINHA DE SOMBRA DA CRÍTICA LATINO-AMERICANA²¹

Lucilo Antônio Rodrigues

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS

lucilo@uems.br

Em minhas análises literárias realizadas durante o curso de graduação em Letras, frequentemente, eu acrescentava uma espécie de *resmungo* contra a própria teoria utilizada. Uma dessas críticas sobreviveu aos anos e se encontra agora em minhas mãos; trata-se do último parágrafo da introdução de um trabalho escolar, no caso, uma análise do conto *Burro sem rabo*, de Fernando Sabino, vamos a ela:

Em suma, após mais esta análise, novamente me deparo com duas situações que não me são novas. Uma é a certeza de que os textos de Fernando Sabino não me agradam e a outra é a sensação de *incompletude* diante da análise. Esta, parece-me sempre profana e feia como os amontoados de seixos e paus ao longo das estradas desertas, onde segundo Shakespeare, enterravam-se os páreas e os excomungados.

²¹ Este texto, modificado, foi publicado pela primeira vez em 2006 na Revistado COOL-UNIJALES.

Esse trecho foi escrito em 1990 quando eu cursava a disciplina Teoria da Literatura II, ministrada pelo prof. Dr. Sérgio Vicente Motta, na UNESP de São José do Rio Preto. Hoje não sustento mais a mesma opinião com relação a Fernando Sabino; contudo, no que diz respeito às análises textuais, a minha antiga e incômoda sensação ainda se faz presente e se projeta indecisamente como aquela a linha de sombra de Joseph Conrado, a demarcar uma indecisa fronteira entre dois momentos paradigmáticos. Explico. Naquela época nossas análises eram fundamentadas pelas teorias que se desenvolveram ao redor do estruturalismo francês, mais notadamente, a teoria do texto narrativo, cujo maior expoente é, sem dúvidas, A. J. Greimas. O meu *resmungo* era, sobretudo, contra essa teoria e até hoje, ao rever esse trabalho, confesso que aprecio mais esse *resmungo*, orgulhosamente ornado com algumas imagens shakespearianas, que todo o restante da análise. Alguns dizem que o estruturalismo acabou; está morto e enterrado. Outros dizem que está em estado latente, esperando a sua hora de voltar. Não acho que esteja acontecendo uma ou outra coisa. Nos países centrais o estruturalismo floresceu na década de 60 e sobreviveu até meados da década de 1970; na década de 80 já era *letra morta*, no entanto, na periferia (ou nas margens) ele continuou ecoando e ecoando de academia em academia, de modo que, no ano 1990, em uma determinada universidade, na cidade de São José do Rio Preto, a teoria estruturalista ainda estava em voga. Isso é um fato.

Hoje, graças à internet, já não é possível tamanho anacronismo: sabemos que depois do estruturalismo surgiu (ou foram elevadas a um primeiro plano) uma

infinidade de correntes teóricas como os estudos culturais, o pós-estruturalismo, o pós-feminismo, o pós-colonialismo entre outros.

O fato de todas essas correntes serem oriundas dos países centrais é o aspecto que considero mais determinante para a *crise* teórica que vivemos no momento. Voltemos à minha antiga *bronca*. Eu dizia que as análises estruturais produziam em mim uma sensação de incompletude; certo, qualquer tipo de análise, posto que pressupõe a fragmentação do objeto de estudo, provoca esse tipo sentimento. Na verdade, o maior problema neste tipo de estudo é a rigidez estrutural que, por sua vez, conduz a um tipo de interpretação *moldada*, ou seja, antes mesmo de iniciar a análise, os esquemas impostos, *a priori*, já indicam inexoravelmente onde tudo vai desaguar. Na época eu chamava isso de “*poer* as diversas partes em seus respectivos escaninhos”; era um outro modo de ironizar a análise estrutural: no final sobrava um estudo seco e estéril que não conduzia a nenhum tipo de reflexão, exceto aqueles sentidos já antevistos pelo sistema, estruturado, evidentemente, em conexões binárias.

Muitas vezes, no entanto, no *meio do caminho* da análise, um determinado tópico chamava-me a atenção e eu acabava me enveredando por outras trilhas, ou seja, como que por um instinto, eu me livrava dos esquemas rígidos da análise estrutural e mesclava elementos pertencentes a outras áreas como a estilística, a sociologia, a psicanálise, entre outros. Isso representava, sem dúvida, um gesto temerário, daí a referência à linha de sombra: Conrad (2003, p.6) chama de *Linha de sombra* aquela região intersticial que marca a passagem da juventude despreocupada para

“um período mais autoconsciente e pungente da vida adulta” em que todos nós estamos sujeitos a atitudes temerárias. A minha revolta era justamente contra aquele excesso de formalismo e ela representava, sem dúvida, um desejo de liberdade e uma atitude contrária à tentativa de interpretação sistemática da literatura: tendo avistado a *linha de sombra*, a minha vontade era, ainda que de modo intempestivo, fazer algo totalmente diferente. Mais tarde, porém, percebi que muitas das análises literárias feitas no Brasil e na América Latina tinham, também, essa peculiaridade e pode-se até mesmo afirmar que o nosso crítico literário mais conhecido, Antonio Candido, costumava ser muito eclético, não se prendendo a um único método. Octavio Paz, crítico e ensaísta mexicano, também praticou uma crítica eclética e orgulhosamente espiralada.

Esse modo fragmentário de teorizar parece estar diretamente relacionado com as infindáveis ondas teóricas oriundas dos países centrais que, insistentemente, assolam as praias latino-americanas. Ora a necessidade de *mesclar* parece ser decorrente de nossa própria característica de região (a América Latina) importadora de teoria: mal acabamos de assimilar uma teoria e, para nosso espanto, uma outra *moda teórica* entra em vigor e nos obriga a adaptar o nosso *saber* (antigo e ultrapassado) às novidades. O resultado de tudo isso pode ser constatado pela presença de uma crítica eclética, efêmera e fragmentada, ou seja, é como se a crítica latino-americana estivesse condenada a singrar para sempre no espaço intermédio da linha de sombra sem jamais ultrapassá-la.

Esse ecletismo, contudo, nunca foi bem visto pelos

estudiosos do texto literário do outro lado do Atlântico: a crítica latino-americana frequentemente é acusada de ser inconsistente e de não apresentar um mínimo de sistematização. O crítico uruguaio Hugo Achugar chama essa crítica indecisa, fragmentária e efêmera de “balbucio teórico latino-americano”:

Planetas sem bocas somos – os muitos outros e diversos outros -, e talvez, a tarefa que temos daqui por diante seja a de construir com orgulho nosso raro balbucio, nossos raros balbuciantes escritos ou nossas balbuciantes falas, por sermos nós mesmos, e não o que querem que sejamos. Mas é claro, uma vez mais ressurgem a pergunta: Quem somos nós? Não há uma única resposta, pois “nós” é heterogêneo, deslocado, em constante mudança e, sobretudo, não é nem deve falar com uma única, autoritária, solitária, voz (2006, p.23).

O orgulho desse balbucio, além de ser uma forma de legitimar o nosso discurso heterogêneo e efêmero, é também uma maneira ousada de se dramatizar, aparentemente, às tortas e às direitas, uma espécie de identidade duvidosa, vacilante e em “constante mudança”: o perguntar “quem somos?” já encontra de antemão uma resposta: *não somos sendo*. Ou, para utilizarmos a famosa frase de Chaves, o anti-herói mexicano mais badalado da TV: o latino-americano é aquele que *faz sem querer querendo*.

O *fazer-sem-querer-querendo* de Chaves remete para a ambiguidade do discurso: no reino da textualidade o real não se apresenta como um espaço bipolar, mas como um local fronteiro, caracterizado por tensões, distensões, choques e assimilações. Essa peculiaridade do discurso tornou-se uma das principais referências do crítico indobritânico Homi Bhabha. Vejamos um exemplo de como esse local se apresenta no interior do texto literário:

A diferença linguística que embasa qualquer performance cultural é dramatizada no relato semiótico comum da disjunção entre o sujeito de uma proposição (*enoncé*) e o sujeito da enunciação, que não é representado no enunciado, mas que é o reconhecimento de sua incrustação e interpelação discursiva, sua posicionalidade cultural, sua referência a um tempo presente e a um espaço específico (2005, p. 66).

Bhabha se apropria dos elementos da semiótica para explicitar o seu próprio discurso o qual, segundo suas próprias palavras, se processa no âmbito da *análise cultural*. O sujeito da enunciação, conforme nos ensina os estudiosos da semiótica, não se manifesta no texto e se situa em um espaço e um tempo distinto do sujeito da proposição. Há, portanto, uma disjunção entre esses dois sujeitos, por isso o “pacto da interpretação”, de acordo com Bhabha, nunca poderia ser “simplesmente um ato de comunicação entre o Eu e o Você designados no enunciado” (2005, p.66). O Eu da proposição não poderia interpelar o sujeito da enunciação,

“pois isso não é personalizável”. Justamente por isso Bhabha vai afirmar que a “produção de sentido requer que esses dois lugares sejam mobilizados na passagem por um Terceiro Espaço” (2005, p.66).

A intervenção desse Terceiro espaço, “torna a estrutura de significação e referência um processo ambivalente” (2005, p.67). De acordo com Bhabha,

É apenas quando compreendemos que todas as afirmações e sistemas culturais são construídos nesse espaço contraditório e ambivalente da enunciação que começamos a compreender porque as reivindicações hierárquicas de originalidade ou “pureza” inerentes às culturas são insustentáveis, mesmo antes de recorrermos a instâncias históricas empíricas que demonstram o seu hibridismo ... É o terceiro Espaço, que embora em si irrepresentável, constitui as condições discursivas da enunciação que garantem que o significado e os símbolos da cultura não tenham unidade ou fixidez primordial. (2005, p.67-8).

Portanto, esse espaço, a um só tempo, intermédio e híbrido - essa espécie de *passagem* entre as instâncias produtoras de sentido -, impossibilita qualquer tipo de fixidez ou unidade, seja com relação às reivindicações de identidades primordiais ou *puras*, seja com relação aos símbolos culturais: o solo híbrido em que esses discursos são *fabricados* deixa exposta a natureza dúbia

da textualidade e, por extensão, de qualquer tipo de cultura. Não é por outro motivo que Achugar reclama o seu quinhão de incerteza e proclama, não sem orgulho, a maneira própria e *impura* de se teorizar na América Latina:

[...] já estava prefigurada a ideia de reivindicar o fragmento, de proclamar com orgulho que o meu – e de certo modo, uma antiga e forte tradição do pensamento crítico latino-americano letrado, e não só o letrado – é um “balbucio”, que balbuciar não é uma carência, mas uma afirmação. Uma orgulhosa – orgulhosa no sentido de reivindicar o próprio, não como sinônimo de soberba nem de chauvinismo ou ameghinismo – afirmação de que o pensamento latino-americano não tem que pagar tributo à sistematização “euro/ianque/etc.etc.etc”, que o que ele tem de sistemático – de existir, e mesmo quando exista no pensamento latino-americano -, ou sua maior virtude, fundamenta-se no fato de que habitamos “espaços incertos”, outros territórios, âmbitos inexplorados que sempre estamos em processo de construir, descobrir, habitar. (2006, p.24).

Com esse depoimento-desabafo Achugar procura justificar e legitimar a produção crítica produzida na periferia e, sobretudo, na América Latina; ou seja, ele busca um argumento que seja refratário às censuras que recaem sobre o modo aparentemente assistemático como

fazemos crítica. Não se trata de um contra discurso do tipo bipolar: a construção de uma identidade assistemática latino-americana em oposição à identidade sistemática dos países centrais. O que está em questão é a defesa de um discurso crítico que se constrói no espaço indeterminado e híbrido próprio da periferia. Homi Bhabha, que também faz uma crítica fragmentária (deslocada), transitando, sobretudo, entre a semiótica, o pós-estruturalismo e a psicanálise, também reivindica esse papel para a crítica, não apenas daquela praticada na periferia do mundo, mas como o modo de ser da própria textualidade: “[...] o reconhecimento teórico do espaço-cisão da enunciação é capaz de abrir o caminho à conceptualização de uma cultura *internacional*, baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na *diversidade* de culturas, mas na inscrição e articulação do *hibridismo* da cultura”. (2005, p. 69).

Essa nova postura, de acordo com Bhabha, seria marcada pela emergência da *diferença cultural*: se até agora os produtos da periferia eram vistos como algo exótico ou, na melhor das hipóteses, como um exemplo da *diversidade cultural* (isto é, como uma forma de cultura *pura* e intocada, e que, portanto, deveria ser preservada enquanto tal) essa nova atitude requer que a cultura seja negociada em um espaço ambivalente em que todo tipo de polaridade (local/universal; teoria/prática) seja anulada de modo que só reste um território de incertezas onde as identidades são negociadas.

Ora, Bhabha toca aqui em um dos princípios básicos da teoria: sempre que se fala em teoria, pensa-se imediatamente em uma relação do tipo sujeito-objeto;

ou seja, o olhar da teoria ou da crítica já implicaria o fechamento do objeto. A ideia de que um texto literário pode ser fechado e amarrado de um modo orgânico ainda é perceptível mesmo naqueles discursos teóricos que pregam a pluralidade de sentidos. Com efeito, em muitos estudos literários, os analistas frequentemente se apressam em dizer que o seu trabalho busca *apenas uma interpretação* dentre as muitas que se pode fazer. Contudo, após esse momento preliminar ele passa a recortar, sem piedade, a *outridade literária*: o texto literário se torna um objeto mudo, “um corpo dócil”:

O outro perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional. Embora o conteúdo de uma “outra” cultura possa ser conhecido de forma impecável, embora ela seja representada de forma etnocêntrica, é seu *local* enquanto fechamento das grandes teorias, a exigência de que, em termos analíticos, ela seja sempre o bom objeto de conhecimento, o dócil corpo da diferença, que reproduz uma relação de dominação e que é a condenação mais séria dos poderes institucionais da teoria crítica. (2005, p.59).

Esse seria o dilema da teoria e da crítica literária: como situar o texto sem emudecê-lo, sem amarrá-lo nas tramas da própria reflexão teórica? No *corpo deslocado* do texto de Bhabha há inúmeras passagens que exemplificam um

modo de teorizar que não implica, necessariamente, o fechamento do texto-fonte, como se pode constatar no seguinte trecho: “Como fiz com o texto de Guha, minha leitura será catacrésica: leitura entrelinhas, que não segue rigorosamente nem suas palavras nem as minhas” (2005, p.261). Bhabha faz essas ponderações antes de iniciar uma leitura ao texto de Bakhtin; ele procura “ler” o texto-fonte em uma zona intermediária, por isso mesmo, faz alusão à figura de linguagem conhecida como o nome de *catacrese*. O verbete *catacrese*, de acordo com o *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés, “designa o emprego indevido ou impróprio de um termo por outro, por analogia ou translação de sentido” (2004, p. 70). Ora, por reconhecer que em qualquer processo de tradução os significados *deslizam* ao passar de um sistema para o outro, Bhabha lança mão de um terceiro espaço onde as relações entre os dois textos são negociadas e não hierarquizadas.

Esse talvez tenha sido o *modus operandi* da crítica latino-americana. Isso não pode ser traduzido como uma reivindicação de uma “tradição híbrida” (seria também uma forma de *fechar o círculo*), mas uma necessidade própria da intelectualidade periférica que *se abastece* das inúmeras correntes teóricas: hibridizar, neste caso, significaria, por um lado, uma forma de responder aos imperativos de *atualidade teórica* (mais contundente na periferia do que no centro) e, por outro, a aceitação de que não temos tempo nem método para *dar conta* de todas as frentes teóricas.

O perigo de se responder sempre hibridamente aos imperativos da atualidade teórica é, como salienta Hall (2004, p. 61-2) a aparição da fantasia do sujeito inteiro, ou

da cultura nacional, que é mais visível naqueles momentos em que o exercício do poder cultural é enunciado. Assim, por mais que o autor situe essa voz como “dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade”, essa ilusão adquire cada vez mais resiliência nas próprias brechas do hibridismo ou da resistência ao logocentrismo e se materializa cada vez mais nos discursos religiosos e/ou exotéricos.

Assim, se a ausência de método pode resultar na aceitação passiva do discurso do outro, por outro lado, a falta de tempo redundante na pacata resignação *de que nunca se pode saber tudo*. A este respeito Edward Said, salienta:

Pois o Orientalismo põe-nos diretamente frente a esta questão - isto é, faz-nos perceber que o imperialismo político domina todo um campo de estudo, imaginação e instituições eruditas -, de tal modo que torna o fato impossível de ser ignorado intelectualmente historicamente. No entanto, haverá sempre o perene mecanismo de escape de dizer que um erudito literário e um filósofo, por exemplo, são treinados, respectivamente, em literatura e em filosofia, não em política ou análise ideológica. Em outras palavras, o argumento do especialista pode agir com muita eficácia para bloquear a perspectiva mais ampla e, na minha opinião, mais séria intelectualmente, (SAID, 1978, p. 25)

Bhabha não segue esse caminho, apesar de que, em diferentes situações, invoque a necessidade de uma

“racionalidade mínima”. Com efeito, no corpo de seu próprio texto encena-se um sofisticado sistema de teorias eurocêntricas – a psicanálise lacaniana, a semiótica, a desconstrução derridariana – que nada tem a ver com um hibridismo fortuito. Said, tange essa questão de uma maneira pertinente:

[...] tudo o que eu quero dizer é que podemos entender melhor a persistência e a durabilidade de sistemas hegemônicos saturantes como a cultura quando nos damos conta de que as suas coações internas sobre escritores e pensadores foram *produtivas*, e não unilateralmente inibidoras [...] Temos apenas de lembrar que o *Manners and customs of the modern egyptians*, de Lane, é um clássico da observação histórica e antropológica devido ao seu estilo e aos seus detalhes enormemente inteligentes e brilhantes, e não por causa da sua simples reflexão da superioridade racial, para entender o que estou dizendo aqui (SAID, 1978, grifo do autor).

Não sei até que ponto o discurso de Bhabha é uma resposta a Said, mas em pelo menos um aspecto é perceptível que o estilo do crítico hindu-britânico, enquanto estratégia de representação, emerge como um terceiro espaço, ou como um processo de diferenciação, no interior das próprias pretensões concorrentes. Assim, ao lado da tensão instaurada no próprio texto, o autor não se cansa de repetir o seu procedimento teórico: “esse espaço suplementar de significação cultural que revela – e une –

o performativo e o pedagógico nos oferece uma estrutura narrativa característica da racionalidade política moderna: a integração marginal de indivíduos num movimento repetitivo entre antinomias da lei e da ordem” (BHABHA, 2005, p. 218).

Se o discurso crítico latino-americano é, por suas próprias contingências, assumidamente deslocado e marginal, o olhar clínico e sistematizado (da teoria e sobre a teoria) nunca deveria ser subestimado. Desse modo, ambos os olhares – o da teoria e o do texto literário, a da diversidade e da diferença, o do pedagógico e do performático encenam um antigo drama: é desse local que boa parte da crítica latino-americana fala; nesta terra de ninguém, *nesta* indecisa linha de sombra em que a própria ideia de isolar o objeto sempre escapa em meio a longos e orgulhosos discursos espiralados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- CONRAD, Joseph. A linha de sombra. São Paulo: **Folha de S. Paulo**, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LUCILO ANTÔNIO RODRIGUES possui graduação (1994), mestrado (2001) e doutorado (2007) em Letras pela UNESP/IBILCE São José do Rio Preto. Atualmente é professor adjunto do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade universitária de Paranaíba. É professor do Programa de Pós-Graduação em Educação -PGEDU, na unidade de Paranaíba e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS\UEMS\Campo Grande-MS) Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria da Literatura e Literatura e Ensino em Diálogo com as Tecnologias Digitais. No momento, atua em duas linhas de pesquisa: Linguagem, Educação e Cultura (PGEDU/UEMS) e Estudos Literários (PROFLETRAS). Participa do Grupo de Pesquisa em Historiografia, Cânone e Ensino - GPHCE (UnB) e do Grupo de Estudos de Narratividade (UEMS). É membro do GT de Literatura e Ensino da ANPOLL.